

MANUEL BANDEIRA

CARTA A ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Rio, 27 de abril de 46.

Meu caro afilhado,

Recebi a carta, as traduções e o artigo. Anteriormente recebera outra carta com os poemas, que, como tudo que vem de você, foram muito apreciados. Posso vendê-los à *Revista Brasileira*?

Então você também entrou no coro dos amigos da onça que andam trombeteando a minha condição degradada de sexagenário? Leia o suplemento de amanhã do *Diário Carioca*, onde agradeço o carinho dos fãs. Tome a parte que lhe cabe e receba ainda aqui o meu abraço mais afetuoso.

Quanto às traduções, vamos conversar. O Charles Eaton¹ mandou-me uns poemas de Emily Dickinson, pedindo-me que os traduzisse. Fiz as traduções, que já foram publicadas não me lembro mais onde, e ele voltou à carga, querendo outras traduções, entre elas as desses poemas que você me mandou. Eu estava no momento, como estou ainda agora, abarbadado de trabalho. Passando os olhos nos poemas, vi que a tarefa era dura. Em todo o caso, fiz umas tentativas e fracassei. Vejo que a coisa foi parar em suas mãos. Menino, você se meteu em camisa de onze varas! Mas não se saiu de todo mal. Evidentemente as suas traduções estão carecendo de maior fervura para chegar ao ponto, mas para o que o Eaton pretende serve.²

Em “Pão e música” talvez seja melhor pôr “segurando cristais”, em vez de “apertando”. O final é que [é] um cravo. *O beautiful and wise* é muito bonito em inglês, mas como traduzir isso? “Bela” não serve: os românticos brasileiros abusaram tanto da exclamação “ó bela!” que hoje ela não pode ser empregada

¹ Charles Edward Eaton, poeta moderno norte-americano, de quem o nosso Jorge de Lima traduziu alguns poemas. [nota de Alphonsus de Guimaraens Filho]

² Nem foi outra a minha intenção ao traduzir os poemas, que se destinavam a uma antologia de poetas norte-americanos, a qual acabou sendo organizada, com o título *Videntes e Sonâmbulos*, pelo nosso poeta e ensaísta Oswaldino Marques. Mas na verdade a lição que Manuel Bandeira me deu nesta carta sobre como traduzir (sobretudo poemas com rima e métrica) foi da maior utilidade, e mesmo inescusável. [n. de A.G.F.]

senão com um certo sal humorístico; e “singular” não substitui absolutamente “wise”. Talvez se pudesse dizer “ó formosa e discreta”, o que não é nem tão bonito nem exatamente a mesma coisa (não há palavra em português – falo com trinta anos de experiência em traduções de verso e prosa – para *wise*).

Mas aqui peço licença para lhe dar uma lição: sempre que você quiser traduzir um poema, faça um estudo preliminar no sentido de apurar o que é essencial nele e o que foi introduzido por exigência técnica, sobretudo de rima e métrica. Isto feito, se aparecerem dificuldades que digam respeito ao último elemento (o que não é essencial e pode ser alijado), resolva-as alijando o supérfluo, mesmo que seja bonito. É o caso desse *o beautiful and wise*. Lindo sem dúvida, mas dispensável, já que intraduzível. E arranje um verso bonito para o fim com um verbo da primeira conjugação.³

Quanto ao “Canto fúnebre” tenho algumas sugestões⁴ que o podem melhorar.

*Assim é e assim será, como sempre foi etc.
Para as trevas lá vão sábios e os belos. Coroados
De lírios ou de louros, lá vão,
Contigo, dentro da terra, amantes e pensadores.*

*A resposta aguda e pronta, o riso, o amor, o olhar, o gesto
Foram-se para alimentar os lírios. Belo e jucundo
É o lírio. Cheiroso é o lírio. Bem sei, mas protesto.
Mais preciosa era a luz em teus olhos do que todos os lírios do mundo.*

Justificação: “Honest” não significa “honesto” e sim “franco, sincero”. O adjetivo não me parece essencial e estou certo que a Edna Saint Vicent Millay (nome fabuloso Edna Saint Vicent Millay: é um verso, é uma maravilha! Quantas vezes me tenho surpreendido a repetir Edna Saint Vicent Millay, Edna Saint Vicent Millay, Edna Saint Vicent Millay, como repito um verso de

³ Seguindo a sugestão de Bandeira, abandonei aquele *o beautiful and wise* e saí para uma solução minha. [n. de A.G.F.]

⁴ Adotei as sugestões. [n. de A.G.F.]

Villon ou de Racine ou de Mallarmé!) Edna Saint Vicent Millay se escrevesse em português tiraria o adjetivo e acrescentaria um substantivo para a rima.

As rosas podem ser substituídas por lírios. Não importa que seja esta ou aquela flor, e era preciso uma flor de nome masculino por causa da rima, já que neste ponto a sua tradução era verdadeira traição: “blossom” é flor e não florescimento.

*Dentro, lá dentro no fundo das trevas da morte
Vão ter o belo, o meigo, o bom. No silêncio do nada
Vão desaparecer o inteligente, o gracioso, o forte.*

Salvo melhor juízo.

Um grande e saudoso abraço para você, Hymirene⁵
e o Neto.

O jovem sexagenário
Manuel.

⁵ Está “Himirene”.

DIÁRIO CRÍTICO

de

Sergio Milliet

(1940-1943)



1944

EDITORA BRASILIENSE LTDA. • S. PAULO